

Foi uma pena que Taunay, escrevendo tão alentado estudo sobre o mais conhecido dos bandeirantes, além de uma extensa obra sobre as bandeiras em geral, não tivesse condições para fixar, senão de modo muito impreciso, o itinerário das grandes penetrações paulistas. Esta é, realmente, uma das grandes deficiências de nossas fontes históricas: a quase total ausência de roteiros e de mapas que permitam uma identificação dos roteiros das bandeiras. Sabe-se os pontos por elas alcançados, mas com pouquíssima probabilidade de fixação dos itinerários, a não ser já para o século XVIII e ainda assim com muitas falhas e imprecisões. Se não tivéssemos os roteiros pormenorizadamente descritos por Antonil em sua clássica obra, talvez nem conhecêssemos os caminhos para as Minas Gerais. É realmente lamentável que um dos maiores movimentos de devassamento de terras em toda a história da humanidade, como o foi o bandeirismo paulista, haja contribuído tão pouco para o conhecimento geográfico do país. Isto chamou a atenção de Orville Derby quando procurou elementos para uma geografia retrospectiva e constatou a impossibilidade de reconstrução da paisagem primitiva, da mesma forma que chamou a atenção de Teodoro Sampaio, que, tal como seu colega norte-americano, interessou-se pelo roteiro das bandeiras paulistas, jogando ambos mais com as conjecturas do que com provas documentais. Taunay sentiu igualmente o problema ao elaborar a belíssima Carta Geral das Bandeiras Paulistas, que pertence ao acervo do Museu do Ipiranga e da qual foram feitas pelo menos três edições comerciais. Nela, há de tudo... menos os itinerários...

Voltando à História Geral. Apresenta ela uma originalidade: todos os volumes são datados de diferentes localidades: o primeiro, de São Paulo; o segundo, de Tabajara (Limeira); o terceiro, de Ouro Preto; o quarto, de Salvador; o quinto, de São Vicente; o sexto, de Taubaté (e acrescentando "em casa de Félix Guisard Filho"); o sétimo, de Santos; o oitavo, de Itu; o nono, de Sorocaba; o décimo, de Porto Feliz; e o undécimo, de Parnaíba (Santana do Parnaíba).

Concluída a grande obra, dela extraiu uma síntese em dois volumes publicados pelas Edições Melhoramentos e com o título História das Bandeiras Paulistas. Explica o autor que o fez "atendendo a inúmeras sugestões" e assim procurou realizar uma condensação "que não fosse apenas sucinto resumo e assumisse desenvolvimento condigno da importância do assunto" e à qual completaria, ainda no dizer de Taunay, "uma síntese das características marcantes do movimento bandeirante". Sem que se compreenda bem a razão, foi acrescentado um terceiro volume que não é senão a reedição integral de Relatos Monçoeiros, publicado originalmente pela Editora Martins na "Biblioteca

Histórica Paulista". Este "tomo terceiro" fica, assim, completamente deslocado na síntese da história do bandeirismo que Taunay pretendeu com sua obra.

Para encerrar estas considerações, algumas palavras sobre os dois volumes de textos relativos ao bandeirismo, que Taunay preparou para figurar na "Biblioteca Histórica Paulista", criada pela antiga Livraria Martins Editora em comemoração ao quarto centenário da cidade de São Paulo, em 1954. A nova coleção compreendia títulos valiosos da bibliografia histórica paulista, entre eles alguns clássicos (Frei Gaspar e Pedro Taques), os Apontamentos históricos, de Azevedo Marques e alguns relatos de viajantes como Saint-Hilaire, Tchudi, Zaluar e D'Alincourt. Integrando essa preciosa coleção, promoveu Taunay a publicação de dois volumes de textos relativos ao Bandeirismo, aos quais intitulou Relatos Sertanistas e Relatos Monçoeiros. Nem todos os textos deles constantes eram inéditos, mas era como se o fossem, pois haviam sido estampados em publicações antigas, de difícil acesso.

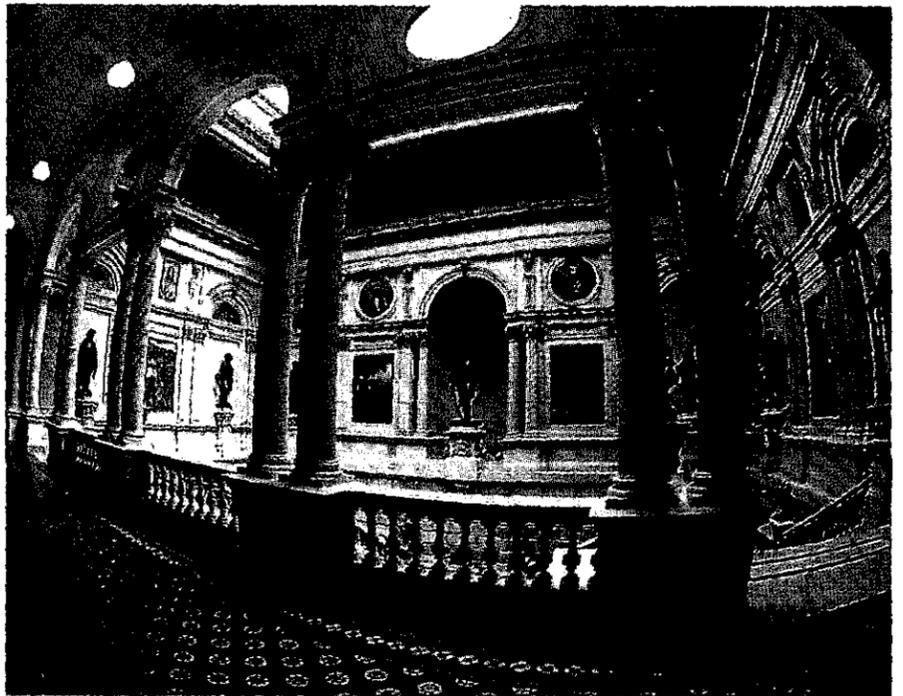
Em Relatos Sertanistas figuram documentos da Coleção Felix Pacheco, da Biblioteca Municipal de São Paulo e mais alguns códices importantes sobre penetrações pelo sertão, entre os quais o roteiro de Silva Braga relativo ao descobrimento de Goiás, bem como outros sobre Mato Grosso. Dos mais significativos são os textos referentes ao Rio das Mortes, "sua descrição, descobrimento de suas minas, casos nele acontecidos entre paulistas e emboabas e criação de suas vilas". De igual interesse, sobretudo para a história das comunicações, a "Demonstração dos diversos caminhos de que os moradores de São Paulo se servem para os rios Cuiabá" ou o "Roteiro para os Martírios, indo em canoa pelo Ribeirão de Goiás".

O volume sobre as monções vem precedido de excelente ensaio de quase cem páginas do próprio Taunay, sobre o movimento monçoeiro e contém, entre outros documentos valiosos, o "Diário da Navegação", de Teotônio José Juzarte, que já havia sido divulgado também por Taunay em mais de uma ocasião, a "carta de um passageiro de monção" e a relação da viagem do Conde de Azambuja de São Paulo a Cuiabá. Parece-nos útil indicar que estes dois volumes de textos sobre o bandeirismo mereceram reedição, na década de 80, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte (em convênio com a Universidade de São Paulo) integrando a preciosa coleção "Reconquista do Brasil" (vols. 33 e 34 da nova série).

* ODILON NOGUEIRA DE MATOS é Historiador e Professor aposentado da USP e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

O bandeirismo de Taunay no Museu Paulista

MARIA JOSÉ ELIAS*



Vista geral da escadaria e da sanca, com destaque para as seis figuras de bandeirantes nos pedestais a nível do nicho da escultura de D. Pedro I. Foto de José Rosael.

Engenheiro e ex-professor de Física na Escola Politécnica de São Paulo que se notabilizara por seus fortes pendores culturais (e os exercitava nas áreas de literatura e da história), Afonso d'Escragolle Taunay assumiu a direção do MP em 1917 com a missão de torná-lo um museu de história - já que até então se tratava de um museu predominantemente de ciências naturais -, conferindo lugar especialíssimo à figura do bandeirante em sua leitura da história paulista e nacional. Isto significava, na prática, preencher com matéria histórica aquele memorial desvirtuado em laboratório científico. Na verdade, Taunay deveria erigir o templo evocativo da supremacia paulista no cenário econômico, político e cultural do país; e foi o que fez.

A origem ilustre de Taunay e seu casamento com uma legítima representante da oligarquia cafeeira aproximaram-no da elite dominante, notadamente do cada vez mais poderoso Washington Luís, que foi, afinal, o responsável por sua indicação para assumir a diretoria do Museu. Aproximava-se, então o centenário da Independência (1922), o que fazia da consolidação do monumento enquanto memorial do célebre "grito" uma necessidade inadiável.

Extremamente zeloso na preparação das estátuas, pinturas e ornamentos das áreas reservadas para o memorial da independência, Taunay respondia com isso ao delicado momento político em que São Paulo viu ameaçada sua hegemonia, a partir dos anos 10. Enaltecer as qualidades históricas do Ipiranga era um ato de desagravo à honra paulista ultrajada. Foi aqui que D. Pedro recebeu as famosas cartas enviadas pelo paulista José Bonifácio, declarando em seguida a Independência. Assim, enquanto o presidente Epitácio Pessoa organizava uma grande exposição internacional, o governador paulista, Washington Luís, cuidava de reurbanizar a colina do Ipiranga, construía uma larga e retilínea avenida para ligar o palácio-monumento ao bairro do Cambuci em perspectiva cenográfica e erigia um novo monumento, agora às margens do famoso riacho. A disputa que se travou, então, entre as versões paulistana e carioca da história da Independência veio explicitar-se no arranjo que Taunay deu ao memorial, onde, além do óbvio príncipe libertador, têm destaque dois bandeirantes e o próprio sítio do Ipiranga. A idéia geral desse arranjo, aliás, reside na crença de que foram os elementos "paulistas" os construtores do Brasil, desde Martim Afonso, passando pelos bandeirantes, até o "grito", o qual apenas deu novo status a uma nação já formada pela ténpera dos sertanistas. Em outras palavras, São Paulo teria gerado o Brasil.

Taunay reservara para si a tarefa de levar a "boa e verdadeira" história para o seio da sociedade, atribuindo-se uma missão civilizadora. Entendia ser a função das exposições inculcar amor pela pátria e pela região (neste caso, o Estado de São Paulo),



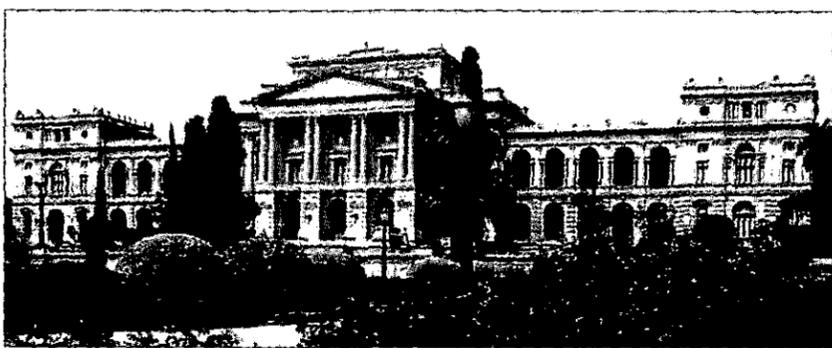
Vista parcial da escadaria com o painel "Posse da Amazônia" de F. Machado e duas esculturas de bandeirantes em bronze. Foto de José Rosael.

enaltecer os valores morais de escol e, a tarefa não explicitada mas sempre implícita, de legitimar o poder da elite dominante por meio de sua reabilitação histórica. Por meio dos documentos, mapas e, sobretudo, pinturas e esculturas, Taunay pretendia transportar o fruído do museu para o tempo passado, dirigindo-lhe o olhar para recriações de paisagens e personalidades que o tempo afastou do presente. Aconselhando um pintor que deseja retratar um bandeirante, afirmava ser o tipo ideal o de um homem alto, musculoso, bronzeado pelo sol, de grande barba, conforme o modelo de Domingos Jorge Velho imaginado pelo pintor Benedito Calixto.

Taunay sobrevalorizava os elementos simbólicos em detrimento dos objetos "históricos": se devia ele civilizar o melhor meio de fazê-lo seria expor um material didaticamente preparado para isto. Daí a predileção de Taunay pela pintura a óleo como suporte de informação sobre o passado. A representação visual possuía um apelo direto, óbvio, explícito. Este era Fernão Dias: vejam seu cabelo, barbas, suas roupas, seu olhar. Tudo está ali, claro, colorido, vivo. Portanto, o acervo não-escrito servia para a educação de massas. Quanto aos documentos escritos, destinados aos eruditos, pode-se afirmar que Taunay adotou o critério de seu tempo, mas também um critério pessoal, já que pesquisou, descobriu e recolheu - ou copiou - os documentos que interessavam sem dúvida às suas próprias pesquisas: o passado da cidade de São Paulo, o sertanismo paulista dos séculos XVII e XVIII, o início quinhentista da colonização.

Numa época voltada para os estudos coloniais, Taunay não foi voz discordante. Contudo, deu sua marca pessoal a esta temática, enaltecendo alguns aspectos e personagens - como Bartolomeu de Gusmão - e colocando outros em segundo plano, resultando em suas obras de maior fôlego: a História Geral das Bandeiras Paulistas; a História Seiscentista da Vila de São Paulo; e a História do Café no Brasil. Os temas do Museu Paulista encontravam-se no passado não cosmopolita, principalmente nos primeiros dois séculos da

E D I T O R I A L



O conjunto do Parque da Independência, em que se encontra o Monumento da Independência, comemorativo do Centenário, e o edifício do Museu Paulista, encontra-se tombado como patrimônio histórico, artístico e cultural pelos órgãos de preservação a nível federal, estadual e municipal. Foto de José Rosael.

Esta é mais uma publicação resultante do acordo entre a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e o Museu Paulista da USP, o Museu do Ipiranga. Este suplemento especial dá continuidade aos nossos esforços de divulgação dos acervos da Instituição Centenária do Bairro do Ipiranga, da cidade de São Paulo.

O tema central, neste número, é o Bandeirismo. Por isso, os artigos, escritos por especialistas e intelectuais paulistas e paulistanos, tratam, de forma diferenciada e de ângulos especiais da questão das Bandeiras,

na vida social e econômica de São Paulo e do Brasil.

Tentou-se trazer, a um público mais amplo, uma visão crítica cuidadosa da história, vista do ângulo do Museu, compondo-o com as imagens do valioso acervo que é preservado pela Instituição.

Esperam o Museu Paulista da USP e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo estarem contribuindo para um melhor conhecimento de nossa História.

SP. 30/03/99.

José Sebastião Witter - Diretor